

### **O QUE PODEMOS APRENDER COM A REINVENÇÃO DO PROFESSOR?**

**E**m um projeto de extensão desenvolvido na pandemia com um coletivo de professores de uma escola da rede pública localizada em uma favela urbana, que tinha como demanda o trabalho com tecnologias na produção curricular docente, identifiquei a recorrência do significativo reinvenção do professor nos discursos desse coletivo. Embora esse significativo já circulasse nos discursos educacionais, interpreto que ele se constitui o nome do professor na pandemia. Faço essa afirmação a partir de um levantamento realizado no Google: nos verbetes reinvenção e professor encontro 236 ocorrências entre os dias 1º de janeiro de 2020 e 15 de maio de 2021, um aumento de 21,6% de ocorrências em relação ao período anterior à pandemia, onde foram encontradas 194 ocorrências entre os anos de 2002 e 2019.

Relaciono a emergência do discurso da reinvenção do professor ao contexto de desestabilização de discursos curriculares hegemônicos. Entendo que a pandemia produz deslocamentos nos sentidos de professor, de prática curricular docente constituídos em discursos curriculares prescritivos que apostam na possibilidade de controle total da produção curricular por um projeto definido *a priori*, fora das relações contextuais, como garantia de alcance da qualidade da educação. (LOPES, 2015)

Os tempos pandêmicos desestabilizaram a possibilidade de controle que imaginávamos ter. Grande parte das nossas verdades foram colocadas em xeque. O imprevisível passou a ter centralidade

nos discursos sociais. No campo educacional, desestabilizou-se a racionalidade hegemônica que significa o controle do ensino e da aprendizagem através do currículo como fundamento da eficiência da escola e da educação, atribuindo centralidade à homogeneidade na organização dos tempos e espaços escolares, à padronização do ensino e da aprendizagem na totalidade das escolas, onde o currículo é instituído como principal instrumento de ordenamento do sistema educacional. Nessa cadeia discursiva, sentidos de educação como imprevisibilidade, heterogeneidade são expulsos, considerados antagônicos porque bloqueiam a demanda por eficiência.

Nesse contexto se constitui o discurso da reinvenção do professor: buscar novos métodos, desenvolver novos meios de alcançar o aluno e promover o seu desenvolvimento. Sentidos de reinvenção que não se relacionam apenas à produção do currículo através das novas tecnologias, mas às incertezas de realização de um trabalho sem a interação sistemática com os alunos e alunas, atores sociais privilegiados no discurso docente, impossibilitando o desenvolvimento do currículo na simultaneidade, nos mesmos tempos e espaços para todos.

A pandemia escancarou a imprevisibilidade e as incertezas que, nas minhas experiências com a formação continuada de professores alfabetizadores, sempre habitaram a



produção curricular docente, especialmente naquelas turmas onde as relações de ensino e de aprendizagem escapavam totalmente à previsão instituída pela norma curricular. Os escapes nos processos de significação do currículo, que eram constantes pela grande heterogeneidade dessas turmas, produziam angústia pedagógica em professoras e professores e possibilitavam a constituição dos discursos de responsabilização docente. Um problema que atribuo à centralidade

do controle, hegemônica nas políticas curriculares que se propõem a normatizar relações contextuais e contingentes nas quais se subjetivam os diferentes atores sociais nelas envolvidos (FIGUEIREDO, 2020).

Por fim, expôs a complexidade das relações constituídas na produção curricular no contexto da prática e a impossibilidade de reduzi-las a relações de ensino, de aprendizagem, de conhecimento. Deu visibilidade a outras dimensões do currículo, como as condições sociais, culturais e emocionais de professoras, professores, alunos, alunas e suas famílias, que sempre operaram nos processos de significação do currículo. Dessa forma, sublinhou a impossibilidade de previsão desses processos por uma racionalidade, por um projeto curricular definido fora dessas relações, requerendo, por vezes, muitas racionalidades hibridizadas, ou mesmo nenhuma racionalidade, mas algo da ordem do sensível, do estético, da intuição.

### **Referências:**

FIGUEIREDO, M. P. S. Sentidos de professor nas políticas de formação continuada para a alfabetização: o contexto discursivo de sua emergência. *Revista Espaço do Currículo (online)*, João Pessoa, v.13, n.1, p. 98-109, jan/abr, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/view/50695>. Acesso em 25 maio 2021.

LOPES, A. C. Por um currículo sem fundamentos. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 21, n. 45, p. 445-466, mai/ago, 2015. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/4581>. Acesso em: 20 maio 2021.

### **Sobre a autora:**

Marize Peixoto Figueiredo: Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Educação (ProPEd-UERJ). Professora Adjunta do Departamento de Formação de Professores e do Programa de Pós-graduação em Educação, Cultura e Comunicação da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF-UERJ).

